

Brasília perde qualidade de vida com migração maciça

Arquivo/22.04.82

Cléber Praxedes

Brasília — A capital do país vem sofrendo um processo de ocupação que está preocupando as autoridades locais e federais. São os migrantes que chegam a toda hora. Planejada para comportar 500 mil habitantes até o ano 2000, Brasília tem hoje 1 milhão 500 mil pessoas, 97% delas concentradas no meio urbano. "A consequência deste crescimento atordoante será a deterioração da qualidade de vida da população, especialmente das camadas mais pobres", alertou o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto.

A população de Brasília está crescendo 7% ao ano, duas vezes e meia mais que a média nacional. As consequências desse aumento desordenado começam a aparecer com o crescimento da marginalidade, desemprego e a baixa oferta de educação e saúde. O maior exemplo é a cidade satélite de Ceilândia, que foi construída para acabar com as invasões no Plano Piloto e tem hoje 500 mil habitantes, quando o previsto era de, no máximo, 200 mil. O hospital da cidade, com 149 leitos, e os cinco centros de saúde, construídos há cinco anos, não comportam mais o atendimento da população local.

Os governos Federal e do Distrito Federal querem encontrar uma solução para Brasília, que deixou de ser capital da esperança de muita gente. O secretário de Governo do DF, José Carlos Mello, justifica a grande migração por ser Brasília o principal pólo de desenvolvimento da região Centro-Oeste e por estar situada próxima a regiões pobres: Nordeste, Noroeste de Minas Gerais e Norte de Goiás. "Quando foi construída, Brasília absorveu muita mão-de-obra na área de construção civil. Não era uma mão-de-obra especializada. Mesmo assim, as construções acabaram-se e o pessoal continuou morando no Distrito Federal", disse José Carlos Mello.

Para o ministro do Interior, Ronaldo Cos-

ta Couto, o futuro de Brasília depende do sucesso da política de desenvolvimento regional do país, que é a única alternativa realista para conter o fluxo migratório em direção aos centros urbanos.

— A construção de Brasília, projetada para ser o núcleo administrativo do Governo Federal, acabou por salvar a cidade do Rio de Janeiro de se tornar inabitável. O que seria do Rio hoje como capital federal?, indaga o ministro Ronaldo Costa Couto.

A Grande Brasília já invadiu Goiás e aproxima-se do final do século concentrando três vezes mais população do que seria de esperar nesses 26 anos de existência. Segundo dados de 1980, dos 1 milhão 200 mil habitantes existentes na época, cerca de 80% estavam na cidade há cerca de 10 anos, 40% deles eram constituídos de nordestinos e 30% do Centro-Sul. "Os candangos, que vieram para a capital construir a cidade, nunca a abandonaram, bem como os funcionários públicos aposentados", explicou o ministro Ronaldo Costa Couto.

Brasília não consegue conter o fluxo migratório. Para o secretário do Governo do Distrito Federal, solução para o problema vai depender de verba e de contenção do êxodo rural. "Temos que cortar o mal pela raiz", disse ele, ao explicar que o problema só acabará quando for promovido o desenvolvimento nas regiões mais pobres do Nordeste, em cerca de 11 municípios goianos e um mineiro (Unaf).

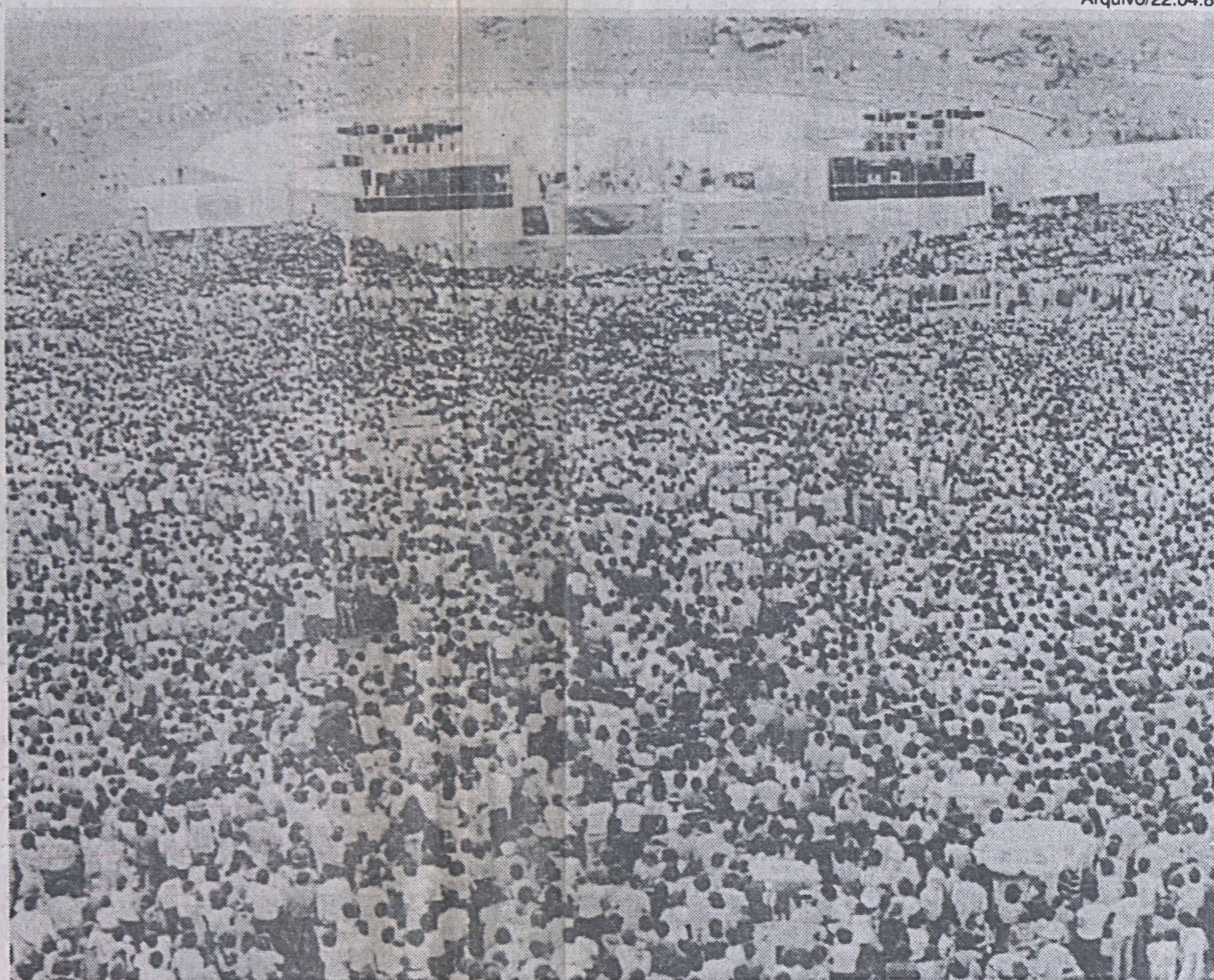
— Se for mantida a inércia histórica, Brasília duplicará sua população em dois anos, e seria uma leviandade permitir que isso aconteça, pois, nesse caso, Taguatinga e Ceilândia, duas de suas cidades satélites, serão metrópoles dentro de uma região metropolitana conhecida no país como Distrito Federal — afirmou o ministro Ronaldo Costa Couto.

A capital da República tem hoje 230 mil menores carentes, 90 mil deles catalogados na Secretaria de Serviço Social como abandonados.

Brasília — Ana Carolina Fernandes



Os camelôs avançaram no Setor Comercial Sul e atravancaram o único espaço da cidade que só usa automóvel, em que se podia andar a pé



Inchação da cidade não aparece só nas favelas, mas em eventos com duzentas mil pessoas, como em um espetáculo de Gal Costa

Despreparo caracteriza a mão-de-obra

Brasília — É comum em Brasília as pessoas que frequentam restaurantes, andam de ônibus e levam seus carros a oficinas, serem mal atendidas. É o garçom que nunca foi garçom. É o nordestino, revoltado com a vida, que tira carteira de motorista e vai dirigir ônibus por sobrevivência, sem qualquer experiência, e o mecânico que nunca viu motor.

— Muita gente não entende, mas isso também é consequência da migração desordenada. Essas pessoas são aquelas que chegaram na capital pensando no eldorado e resolveram ficar. No início, havia emprego com a construção de Brasília e, como alternativa para se sustentar, tiveram de se virar segurando qualquer oportunidade que aparecesse — explicou um assessor do governo do DF.

Despreparo

Um exemplo típico da falta de mão-de-obra especializada aconteceu no domingo passado no restaurante Bier-Fass, no Centro Comercial Gilberto Salomão. Luciana Neddermyer, acompanhada do seu marido, pediu ao garçom que trouxesse dois churrasquinhos no espeto. Para surpresa deles, o garçom voltou trazendo uma lasanha e um churrasquinho. Nesse caso, o garçom reconheceu o erro,

alegando ser novo na casa e pediu desculpas. Luciana e o marido, ao serem informados de que o garçom teria de pagar a lasanha por fora, resolveram, "por compaixão", comer a lasanha e o churrasquinho. Em vez de pagarem uma conta de Cz\$ 120,00, pagaram Cz\$ 160,00 pela insólita mistura.

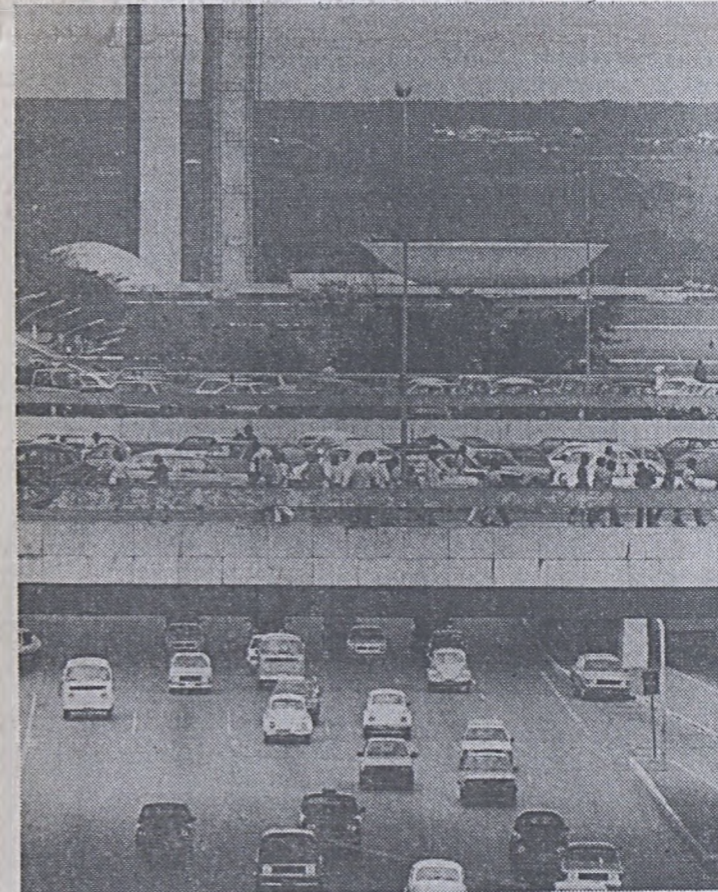
Eduardo Confúcio dos Santos, do Sistema Nacional de Emprego do Distrito Federal, organismo vinculado ao Ministério do Trabalho e encarregado pela colocação de mão-de-obra no mercado, confirmou a falta de qualificação profissional em Brasília. "Além da falta de mão-de-obra qualificada, há o problema das exigências das empresas e os baixos salários que pagam", diz Eduardo.

Os migrantes vão se virando como podem. O maior exemplo disso é a feira de camelôs no centro do Plano Piloto de Brasília — Rodoviária e Setor Comercial Sul. Sem qualquer opção de emprego, os migrantes armam suas barracas para vender qualquer tipo de mercadoria em busca de uns trocados. É o caso de José Maria de Alencar, de 46 anos, cinco filhos, que mora num barraco de madeira na cidade satélite de Brazlândia. José, cearense de Caucaia, está em Brasília há quatro anos e tentou ser de tudo na cidade: servente, segurança de

espetáculos e lavador de carros em oficinas, entre outras profissões. Apesar dos insucessos, passando dificuldades e vendendo pentes, carteiras e espelhos em sua barraca no centro do Plano Piloto, ele não desiste: "Não penso em voltar para Caucaia porque ainda tenho muita coisa pra fazer aqui".

Outros problemas sérios que Brasília vem enfrentando no seu dia-a-dia devido à superpopulação, estão relacionados, principalmente, com a falta de hospitais e escolas. As dificuldades aparecem mais nas cidades satélites, onde está localizada a maior parte da população migrada composta em sua maioria por nordestinos, goianos e mineiros. O governo do DF vem enfrentando ultimamente dois grandes problemas em consequência da superpopulação: o surgimento de favelas no Plano Piloto e a invasão desordenada de casas populares construídas pelo governo nas cidades satélites, próximas aos barracos em que se refugiam os migrantes de Brasília. Um exemplo disso ocorreu no dia 12 — dia da greve geral promovida pela CUT e CGT — quando os favelados na cidade satélite de Brazlândia tentaram invadir uma vila de 500 casas populares construídas pelo governo, o que não conseguiram devido à repressão da Polícia Militar.

Arquivo/18.04.86



À Rodoviária de Brasília chegam migrantes de todo o país, ainda atraídos pela idéia do eldorado construída nos anos 50